



ANPEd - Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação

18073 - Resumo Expandido - Trabalho - XXVII Encontro de Pesquisa Educacional do Nordeste – Reunião Científica Regional – ANPEd Nordeste (2024)

ISSN: 2595-7945

GT21 - Educação e Relações Étnico-Raciais -N

LITERATURA INFANTIL COMO OBJETO DE INCLUSÃO SOCIAL E CULTURAL NA EDUCAÇÃO INFANTIL: um antídoto contra o preconceito

Maria José Ribeiro Barbosa - UFMA- PPGEEB – UNIVERSIDADE FEDERAL DO MARANHÃO

Valda Ribeiro da Cruz Silva - UFMA- PPGEEB – UNIVERSIDADE FEDERAL DO MARANHÃO

Vanja Maria Dominices Coutinho Fernandes - UNIVERSIDADE FEDERAL DO MARANHÃO

LITERATURA INFANTIL COMO OBJETO DE INCLUSÃO SOCIAL E CULTURAL NA EDUCAÇÃO INFANTIL: um antídoto contra o preconceito

1. INTRODUÇÃO

É evidente que de alguma forma as crianças repetem hábitos e costumes dos adultos, porém elas também criam sentidos e atuam sobre aquilo que vivenciam, portanto a produção do racismo pode iniciar nessa faixa etária, e a escola como uma instituição social intencionalmente criada para educar necessita de ferramentas para seu combate, definindo e promovendo ações curriculares que o combatam.

Muitas são as possibilidades de ferramentas, mas na escola de educação infantil vemos na literatura infantil uma fortíssima aliada, pois podemos dizer que a literatura infantil contribui para o desenvolvimento e formação de um indivíduo

crítico, responsável e atuante na sociedade, isso acontece pelo fato de vivermos em sociedade, onde as trocas sociais acontecem muito rápido, seja pela escrita, leitura ou outras formas de linguagens.

Sendo assim, é nesse contexto que nasceu o interesse por esta pesquisa que teve como objetivo discutir a importância da literatura infantil afro-brasileira e africana, bem como incluí-la como um importante instrumento para a prevenção e o combate ao surgimento do preconceito racial nas crianças da educação infantil.

Esta pesquisa é de natureza bibliográfica, pois se ancora em alguns teóricos como Santiago (2019), Benjamim (1984), Abramovich (2004), Corsaro (2011) entre outros. Assim, ao refletir sobre a literatura infantil e abordagens sobre as desigualdades sociais no que diz respeito ao momento cultural da infância, respondemos ao seguinte questionamento: A literatura infantil pode ser um instrumento de combate e prevenção ao racismo em crianças da educação infantil?

O resumo está dividido em três tópicos, o primeiro tópico é esta que se apresenta como introdução; o segundo aborda sobre 'literatura infantil: uma forma de incluir as diferenças que nos torna iguais?' trazendo dois subtópicos – É possível encontrar desigualdades presentes em grupos de crianças?: práticas racistas e sexistas e O lúdico da literatura infantil: forma diferente de brincar e produzir nas culturas infantis; o terceiro e último tópico as considerações finais.

2. **LITERATURA INFANTIL:** uma forma de incluir as diferenças que nos torna iguais?

Discutir sobre e trabalhar com a literatura infantil na escola e fora dela é sempre muito humanizador, pois, nos faz debruçar em material capaz de provocar emoções e entretenimentos cheios de fantasia, os quais despertam o interesse da criança que acaba se identificando com as histórias ouvidas ou lidas. De acordo com Maria e Valente (2013), "a literatura Infantil faz parte da cultura de um povo e como instrumento pedagógico auxilia no processo de construção e desenvolvimento do conhecimento", essas autoras afirmam que a literatura "é um espaço produtivo", formador de pensamentos que possibilitam o compartilhamento de ideias, emoções e sentimentos, além da construção da identidade pessoal.

Mergulhar em obras de literatura infantil na escola de educação infantil, principalmente as afro-brasileiras e africanas nos faz conhecer abordagens relacionadas com a inclusão social dos marginalizados, dentre outras temáticas, uma vez que ampliam a cultura de cada criança e criam alicerces para um universo de informações e conhecimentos, ampliando sua visão de mundo, bem

como sua noção de pertencimento e construção da identidade.

As crianças se encontram inseridas em diferentes classes sociais, pois, pertencem ao sexo masculino ou feminino, fazem parte do espaço geográfico onde residem, tendo uma cultura de origem e uma etnia, são membros de uma sociedade, vivem com suas famílias, nas escolas, creches, bem como em outros espaços. Nascimento (2011, pag. 4) nos ensina que elas “fazem parte do mundo, incorporam, influenciam e criam significados a partir dele”, logo a infância é constituída por sujeitos ativos e competentes e suas características se diferem dos adultos.

Dessa forma, desde as sociedades antigas diversos mitos foram criados na busca de explicações para perguntas e curiosidades de homens, mulheres e crianças, fazendo surgir histórias que moram até hoje no imaginário das pessoas, visto que, antes do advento da escrita já eram contadas através da comunicação oral pelos mais velhos que traziam sábios provérbios para cultura oral do povo. Porto (2014, p.130) assevera que, “A voz do povo também é a voz da identidade nacional. Há um universo de histórias individuais que se multiplicam e se cruzam na formação de um contexto memorialístico coletivo; na formação de uma cidade, um país”.

A autora afirma que, ao pensar em cultura “cultivar já carrega na criação do ato o produto da própria criação em semente: cultivar e colher o fazem para criar o saber”. Nesse sentido, “as crianças são agentes sociais, ativos e criativos e podem produzir suas próprias e exclusivas culturas infantis e ao mesmo tempo, contribuem para a produção das sociedades adultas” (CORSARO, 2011). Sendo assim, as mesmas interagem com grupos sociais que fazem parte também do seu contexto de vida onde estão inseridas, e assim através da interação se contatam com as outras, o que gera seu desenvolvimento e a aprendizagem.

A literatura infantil tem um grande significado no desenvolvimento das crianças, até porque a leitura de histórias instiga o cenário da educação do afeto, sensibilidade, respeito, cognitivo e também compreensão. Maria e Valente (2013), afirmam que:

A literatura Infantil faz parte da cultura de um povo e como instrumento pedagógico auxilia no processo de construção e desenvolvimento do conhecimento. Com isso, estar em contato com a literatura é despertar no íntimo da criança seus prazeres, seus desejos e também suas angústias. Ela oportuniza a criança viver intensamente suas experiências e descobertas, através de sua imaginação criadora.

Dessa forma a literatura Infantil alarga importante função na etapa da aprendizagem da criança, pois, a mesma se apropria de sua imaginação, posto que a literatura promove a criatividade, a imaginação e o senso crítico, e contribui

na construção do novo. Assim a criança desenvolve seu lado imaginário, pois as mesmas têm por natureza a curiosidade, a criatividade e a vontade de aprender.

Santiago (2019, pag. 270), discute sobre as culturas infantis e suas próprias vivências. Ele “aponta a necessidade de se pensar as crianças como sujeitos sociais localizados em um contexto social marcado pela diferenciação racial, de gênero e de idade”. Este livro tem uma leitura que motiva e inspira seus leitores a “brilhar”, como uma menina negra chamada Layla que é uma das personagens desse livro.

Desta forma entramos no campo da interseccionalidade. De acordo com Nascimento (2018, p.2) “a interseccionalidade pode compreender gênero, raça/etnia, classe, idade, orientação sexual, identidade religiosa, capacidade/deficiência, origem, e outras dimensões”. Nesse sentido, ao pensar em criança, percebemos que ela pode ser negra, branca, rica, branca ou pobre, bem como podem ser meninos ou meninas e assim sucessivamente.

Dessa maneira, Crenshaw (1991), chama a atenção para linhas de diferença e desigualdade que se cruzam ou entrecruzam: mulheres negras não podem ser estudadas somente como mulheres (gênero) ou como negras (raça/etnia), mas na

intersecção dessas duas variáveis. Assim, Thorne, (2004, p.405) ao falar sobre a infância afirma que “o complexo terreno da análise interseccional precisa de um campo muito mais extenso, com a idade como dimensão constitutiva e central”, conforme esta autora, as categorias de idade, significados e relações, são moldadas pelas interações cotidianas, nas negociações que são marcadas por gênero e sexualizadas do movimento de "criança" para “adolescente”.

A interseccionalidade não é uma palavra nova, a mesma está em uso a mais de 30 anos, seu uso ocorreu a partir de 1989, usada pela jurista e professora afro- americana Kimberlé Crenshaw, que de acordo com Bellagamba (2022), conceitua a interseccionalidade como uma “interação entre dois ou mais fatores sociais que definem uma pessoa. Questões de identidade como gênero, etnia, raça, localização geográfica ou mesmo idade não afetam uma pessoa separadamente”. Parafrazeando a autora podemos dizer que elas se combinam de diferentes formas, gerando diversas desigualdades (ou vantagens).

Nesse aspecto, ao fazer a relação com a infância, a cultura infantil não é separada, mas interconectada com a cultura adulta e as estruturas sociais e ideológicas controladas por adultos dentro do espaço relacional da sala de aula ou mesmo do espaço familiar, como também a intersecção pretende contemplar as situações de desigualdade presente em grupos de crianças.

Conforme Santiago (2019, pag. 272), “as crianças pequeninhas criam e recriam seus modos de viver a partir do mundo adulto e, assim, também reproduzem preconceitos advindos de uma criação dentro do que poderíamos chamar de uma cultura com maior eloquência social”.

De acordo com Belloni (2009), “a criança é a pessoa, o cidadão com direitos, e deve ser considerada um ator social, sujeito de seu processo de socialização, um consumidor com poder, um indivíduo emancipado em formação [...]”. Para esta autora a criança é compreendida atualmente como um ser que possui a capacidade de produzir cultura enquanto que a infância é percebida como categoria social adicionada no contexto sociológico para explicar o fenômeno social.

1. É possível encontrar desigualdades presentes em grupos de crianças?: práticas racistas e sexistas

As crianças socializam-se entre si, pois as brincadeiras permitem uma reprodução interpretativa, onde as mesmas repetem a cultura adulta ao mesmo tempo em que se reiventam com suas criatividadeas.

Santiago (2019) comenta que desde que nascem as crianças estão inseridas na sociedade, este pesquisador observa que as crianças desde pequeninhas já apresentam uma percepção sobre o que seus corpos representam na sociedade, e que existe uma presença bem acentuada de incentivos da branquitude no contexto da creche, pois, “a branquitude presente cotidianamente na Educação Infantil reforça a soberania e o privilégio impostos pela colonialidade do saber [...]” (p. 135). E de acordo com esse mesmo autor as experiências que marcam as histórias de meninas e meninos brancas e negras pequeninas as colocam em lugares diferenciados no que diz respeito a “estrutura hierárquica do sexismo e de classe”.

Dessa forma, Sarmiento e Pinto (1997), ao falarem sobre as culturas vivenciadas pelas crianças, afirmam que as mesmas não nascem no vazio social ou no mundo exclusivo da infância, mas resultam dos diferentes processos vividos por elas, como na escola, no seu tempo livre, no seio familiar e no acesso aos meios de comunicação, logo é um processo ativo de aceitação ou recusa do que já é conhecido socialmente em uma sociedade racista e sexista.

Nesse contexto, Cruz (2014), em seus estudos observa que os “xingamentos das meninas pelos meninos expressam relações de poder e graus distintos de violência simbólica de gênero e sexo”, esses xingamentos demarcam

determinados atributos que se associavam a esses pertencimentos, visto que, quando dirigidos a meninos, os xingamentos racistas eram diretos e específicos, sem agir na identidade masculina,

As pessoas são diferentes, pois, cada um de nós tem diferentes características físicas, pessoais e até mesmo sociais, no que diz respeito a classe, cultura, religião enfim, são tantas as diferenças que não conseguimos enumerar, mas que são importantes para fortalecer o nosso conhecimento e o reconhecimento da diversidade, como também o acolhimento no que diz respeito as diferenças, pois é nesta que está a beleza da vida .

No mundo da infância não é diferente, elas desde cedo percebem essas diferenças assim que observam as outras crianças, seja brincando ou não.

Partindo desse exposto, é nessa fase da vida que se alicerça todo um aprendizado, uma cultura que se reitera nos espaços em que vivem, por isso, a importância de se inserir em sua educação a literatura infantil como um instrumento essencial para o desenvolvimento da criança no aspecto da diversidade, privilegiando e promovendo o acesso a todas as crianças à literatura infantil afro-brasileira e africana.

Nesse sentido, esse aprendizado faz com que elas compreendam que existem pessoas iguais, que podemos encontrar semelhanças na aparência ou no jeito de ser, porém cada pessoa é única.

Como podemos ver nos exemplos a seguir: de acordo com o poema de Ruth Rocha: “Pessoas são diferentes”, ela aponta a beleza de duas crianças com suas diferenças tanto físicas como de gosto. Dessa maneira, mesmo entorno de tantas diferenças, fica claro nesse poema que não deixamos de ser pessoas, somos seres humanos e por isso nos tornamos iguais.

2.2 O lúdico da literatura infantil: forma diferente de brincar e produzir nas culturas infantis

A literatura infantil agrega descobertas, desenvolvimento, estimula a imaginação e faz sua interação na vivência social, principalmente no aprendizado de inclusão. Inculcar a literatura infantil nessa fase da vida é muito importante no processo de evolução, ela é um instrumento que auxilia a criança no aprendizado escolar e a torna um ser leitor ainda no começo de sua vida. Na formação da criança, a literatura infantil tem um importante papel e se pode afirmar que:

É preciso deixar que as crianças e os adolescentes brinquem, é preciso

aprender com eles a rir, a inventar ordens, a representar, a imitar, a sonhar e a imaginar. É no encontro com eles, incorporando a dimensão humana do brincar, da poesia e da arte, construir o percurso da ampliação e da afirmação de conhecimentos sobre o mundo (BRASIL, 2006).

Nesse aspecto, podemos notar que o lúdico possibilita à criança a oportunidade de ter contato com diferentes brinquedos e diferentes brincadeiras, onde as crianças fazem novas descobertas por meio da interação, promovendo assim o desenvolvimento cognitivo, e um caminho para novos conhecimentos, sendo que a partir das brincadeiras a criança produz cultura e descobre novas experiências.

Para Fernandez, (1990, p.165) “O saber se constrói fazendo próprio o conhecimento do outro e a operação de fazer próprio o conhecimento do outro só se pode fazer jogando”, É na construção do conhecimento que a criança pode olhar, tocar, experimentar e criar, até porque é na busca do conhecimento com a liberdade do brincar que se adquire a confiança no desenvolver o imaginário.

As histórias infantis são importantes instrumentos de aprendizagem, pois, é uma forma de aprender e brincar. Brincando a criança desenvolve-se para a vida; adquire independência, responsabilidade, autonomia e autoconfiança. A brincadeira simbólica é de extrema importância na elaboração de situações de tensão e conflito vivenciadas pela criança e da mesma forma, acontece quando os contos de fada são empregados como recurso educativo.

Na literatura infantil com os contos de fadas é que a criança encontra quietude para as suas aflições, equilibrando suas emoções e anseios, como em relação à perda ou separação dos pais, o temor ou desamparo da desvalorização. Essas histórias mostram hipóteses e possibilidades de sucesso sobre os problemas. A literatura infantil é um caminho que leva a criança a desenvolver sua imaginação, suas emoções e seus sentimentos de forma prazerosa e significativa.

3. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A literatura infantil é muito importante, visto que ouvir histórias é um acontecimento tão prazeroso que desperta o interesse das crianças em todas as idades, uma vez que a criança é capaz de se interessar e gostar ainda mais de histórias, já que sua capacidade de imaginar é mais intensa.

Desta forma, as relações sociais empreendidas no brincar promovido pela leitura ou contação de histórias revelam as relações de posse e poder entre as

crianças, pois a partir das experiências com as outras em escolas, creches ou qualquer outro espaço em que elas estejam inseridas, podemos perceber a formação da cultura lúdica das crianças que se fortalecem em seus grupos evidenciando seu protagonismo.

Desse modo, as literaturas devem colaborar com o crescimento e desenvolvimento da criança, pois de acordo com Abramovich (2004), o tema abordado deve responder suas indagações, dúvidas e respeitar o momento da criança para que ela pense; identifique, concorde, discorde, critique e etc., e assim a corresponda de maneira satisfatória, logo a mesma tem a necessidade de narrativas que agucem o gosto e o interesse de forma natural, suave e divertida pela leitura para que suas expectativas sejam atendidas.

No que se refere abordagem interseccional, podemos observar que as crianças pensam a partir da percepção com o meio em que vivem e recriam suas discriminações a partir do mundo adulto pelas suas interações. Nesse contexto, podemos observar também que grupos de crianças brincando manifestam e constroem relações com elementos estruturais, tão logo são capazes não só de receber cultura, mas de produzi-la.

PALAVRAS-CHAVE: Racismo; Educação Infantil; Literatura Infantil afro-brasileira e africana;

REFERÊNCIAS

ABRAMOVICH, Fanny. **Literatura infantil: gostosuras e bobices**. 5. ed. São Paulo: Scipione, 2004.

BENJAMIN, W. **Reflexões: a criança, o brinquedo e a educação**. São Paulo: Summus, 1984.

BELLONI, Maria Luiza. **O que é sociologia da infância** Campinas: Acadêmico de bolso, 2009.

BRASIL. **Parâmetros Básicos de Infraestrutura para Instituições de Educação Infantil**. Brasília: MEC/SEB, 2006.

CORSARO, William A. **Sociologia da Infância**. 2. ed., Porto Alegre: Artmed, 2011.

CRUZ, Tânia Mara. **Espaço escolar e discriminação**: significados de gênero e raça entre crianças. Educ. rev. 30 (1) • Mar 2014. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/edur/a/NhFrvvHhHcwry6Z6Yg9pPKM/?lang=pt>. Acesso. 12 de fev. 2023.

MARIA, Elizângela Idalgo Regallo; VALENTE, Thiago Alves. LITERATURA INFANTIL: uma possibilidade de inclusão. **Os desafios da escola pública paranaense – Artigos, Paraná**, 2013, Governo do Estado, Secretária de Educação. Versão On-line, ISBN 978-85-8015-076-6 Cadernos PDE.

PORTO, Patrícia de Cassia Pereira. **EDUCAÇÃO, LITERATURA E CULTURA DA INFÂNCIA**: compreendendo o folclore infantil em Florestan Fernandes. Educ. Soc., Campinas, v. 35, n. 126, p. 129-141, jan.-mar. 2014, Disponível em: <http://www.cedes.unicamp.br>. Acesso em: 12 de jan. 2023.

SANTIAGO, Flávio. **Eu quero ser o sol!** Crianças pequenininhas, culturas infantis, creche e intersecção. São Carlos: Pedro & João Editores, 2019.

_____. “NÃO É NENÊ, ELA É PRETA”: educação infantil e pensamento interseccional. **Educação em Revista, Belo Horizonte**, v.36|e220090|2020.

Disponível em: <https://www.scielo.br/j/edur/a/tyzm4v7TDVpDtsBcNmvhKzz/?lang=pt&format=pdf>

NASCIMENTO, Maria Letícia. Algumas ideias para uma reflexão sobre infância e interseccionalidade. **VI Congresso Internacional de Pedagogia Social & Simpósio de Pós-Graduação**, realizado na Universidade Presbiteriana Mackenzie, campus de São Paulo, em 19.09.2018.

CRENSHAW, Kimberlé. **Mapping the margins**: intersectionality, identity politics, and violence against women of color. Stanford Law Review, v. 43, n. 6, p. 1241-1299, Jul. 1991.

FERNADEZ, A. **A Inteligência Aprisionada**: abordagem psicopedagógica-clínica da criança e sua família. Porto Alegre: Artes Médicas, 1990.

PINTO, M. **A infância como construção social**. In: SARMENTO, M.; PINTO, M. (Orgs.). **As crianças: contextos e identidades**. Minho: Universidade do

Minho, 1997. p.33-73.

SARMENTO, M. **As crianças e a infância** definindo conceitos, delimitando o campo. In: SARMENTO, M.; PINTO, M. (Orgs.). *As crianças: contextos e identidades*. Minho: Universidade do Minho, 1997. p.9-29.

THORNE, Barrie. **Theorizing age and other differences**. *Childhood*. v. 11(4): 403– 408, 2004.